



BOLETIM DA C.P.

# BOLETIM DA C.P.

N.º 258 DEZEMBRO — 1950 ANO 22.º

LEITOR: O melhor serviço que podes prestar ao «Boletim da C. P.» é angariar novos assinantes. Serás, assim, o nosso melhor colaborador.

FUNDADOR: ENG.º ALVARO DE LIMA HENRIQUES

PROPRIEDADE

da Companhia dos Caminhos  
de Ferro Portugueses

DIRECTOR

Eng.º Roberto de Espregueira Mendes

ADMINISTRAÇÃO

Largo dos Caminhos de Ferro  
— Estação de Santa Apolónia

EDITOR: ANTÓNIO MONTES

Composto e impresso na Tipografia da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», Rua da Horta Sóca, 7 — Telefone 20158 — LISBOA

## Natal de Cristo, Natal português

*Em todos os lares cristãos o Natal representa a mais bela, a mais expressiva, a mais enternecedora festa do ano. Festa, por excelência, da Família, ela é a festa das crianças. São, com efeito, as crianças que lhe transmitem o calor e o encanto da poesia da vida. Cristo, crucificado, volta de novo à vida, de novo se torna humano. Não é carpinteiro nem anda com pescadores pregando suaves doutrinas de amor e humildade. E, apenas, uma criança que sorri para todas as crianças, que acamarada tu cá tu lá com todas as crianças. É mais do que uma criança que sorri — é uma esperança que entra em todos os corações, como uma labareda. E como uma labareda, anima e aquece as nossas almas. Torna os homens mais humanos e melhores. Faz-nos amar a vida. Aproxima-nos de Deus.*

*Tema de poetas e escritores, os pintores de todos os tempos também lhe dedicaram os seus melhores quadros. Para esses artistas, pintar foi um modo de rezar.*

*Natal de Cristo, Natal das crianças! Em Portugal, de Norte a Sul, Jesus, pequenino, risonho, enche de esperança todos os corações. Essa esperança é que torna os homens mais humanos.*



SANTA FAMÍLIA E ANJOS — Por Jan Gossaert — Escola Neerlandesa (Séculos XV e XVI) — Museu das Janelas Verdes

# O N A T A L

V E R S O S   D E   A U G U S T O   G I L

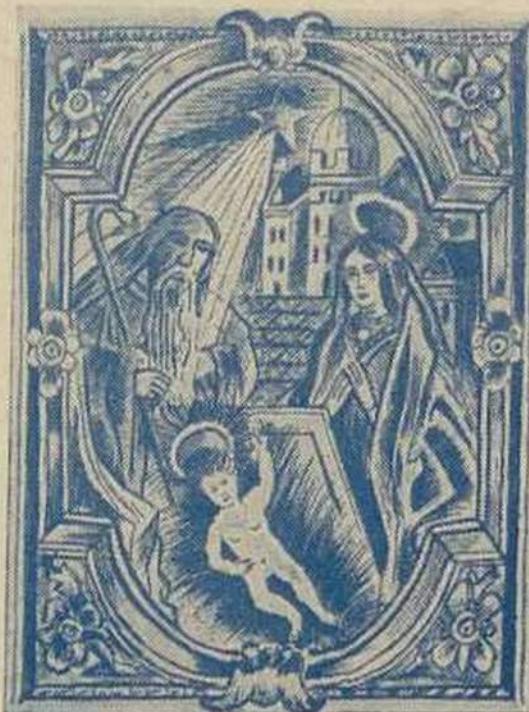
*Este natal de Jesus  
Há dois séculos que o fêz,  
Com barro mole, um oleiro.  
Verdade não a traduz;  
Mas, por ser tão português,  
— É para nós verdadeiro...*

*No grande átrio, todo em ruinas,  
Dum palácio pombalino,  
Em cuja frente se vê  
O nobre escudo das quínas,  
Estão, a um canto, o Menino  
E a Senhora e São José.*

*São José tem na cabeça  
Um largo chapéu braguês  
Derrubado para os olhos;  
E a Virgem Maria, essa,  
Tem chinelinhas nos pés  
E veste saia de folhos...*

*O Menino está deitado,  
Entre as radiações de um halo,  
Num loiro feixe de palha;  
E uma vaquinha, ao seu lado,  
Acerca se a bafejá-lo  
E mornamente o agasalha.*

*Para o filhinho tão lindo,  
Numa expressão em que luz  
O seu enlèvo de mãe,  
A Senhora está sorrindo...  
Na boquinha de Jesus  
Paire um sorriso também...*



*Com as mãos no coração,  
Com o olhar cristalino  
Em que há lágrimas e sóis,  
São José, cheio de unção,  
Fita a Mãe, mira o Menino,  
— E sorri-se para os dois...*

*Um anjo de asas nevadas,  
De formas finas e puras,  
Este distico descerra  
Das suas mãos delicadas  
Glória a Deus nas alturas  
E paz aos homens na terra!*

*Vêm, pela estrada fora,  
Três monarcas em três bravos,  
Infatigáveis corcéis.  
É que está chegada a hora  
De os mais humildes escravos  
Se equiparem aos reis...*

*Num duo desconcertante,  
Dois cegos vão a tanger,  
Nos violões, com gesto lento.  
É que chegou o instante  
Da pobreza merecer  
O prémio do sofrimento.*

*Um coxo de pés cambados  
Atira as muletas fora  
E a correr, mal pisa o chão.  
E' que está chegada a hora  
De os tristes, de os desgraçados  
Sentirem consolação...*

*Toca adufe uma pastora  
Para mais outras bailarem  
Entre ovelhas e lebreus.  
E que está chegada a hora  
De aquelas que muito amarem  
Serem dilectas de Deus...*

*Um petiz faz palhaçadas  
Com elástico vigor,  
Alegria irremediável,  
E, pelas calças rachadas  
Ao longo do sim senhor,  
Vê se-lhe a fralda saída.*

*É que estão próximas já,  
E' que já estão vizinhas  
As tardinhas comoventes  
Em que às turbas pregárá  
O amigo das criancinhas  
Dos corações inocentes...*

# CRÓNICA SOBRE O VAGÃO RESTAURANTE

Por JEAN CAYROL

**U**M vagão restaurante não classifica um comboio tal como a chegada da primeira andorinha nem sempre determina o início da primavera. Mas, este, como aquela, é o seu adorno, o segredo encantador entre os pratos adormecidos e o crepúsculo das aldeias; é o sítio de encontro das vedetas com o Público na intimidade. Comendo à mesma mesa onde reinam as iniciais W. L., as heroínas de Mauriar, sonharam essa conveniência, não é verdade Thérèse Desquey Desqueyroux?

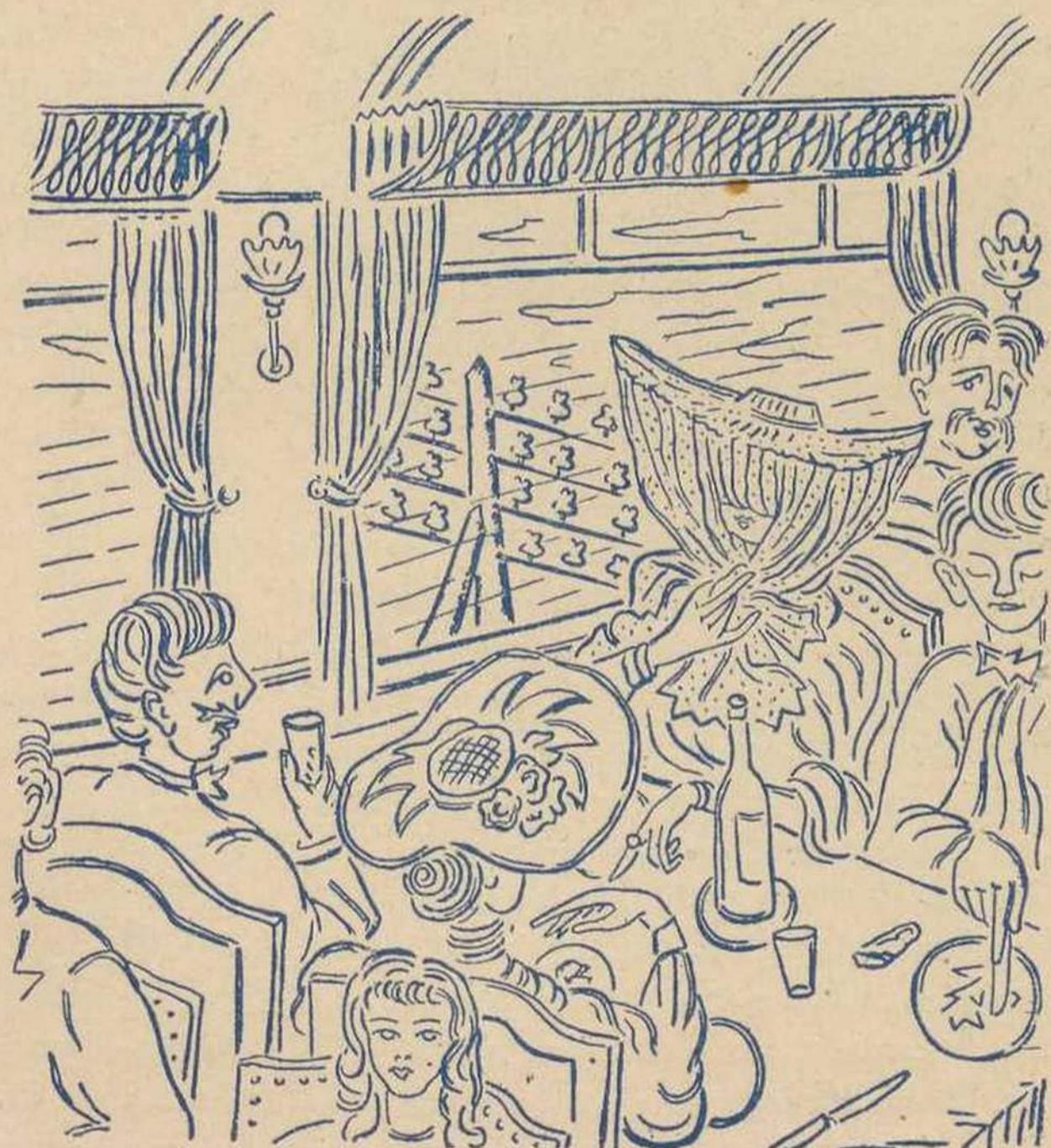
Mas, é nas grandes extensões do Sud-Ouest que este vagão tem o seu verdadeiro valor. Têm direito ao respeito dos chefes de estação que para lá entram, abotoarem a farda e endireitarem o bonet agalhado a ouro.

A minha mais antiga recordação do vagão restaurante foi-me contada por meu pai. Faz parte de uma antologia de tipos célebres encontrados por acaso e cujos nomes uma família inteira repete.

Meu pai encontrou assim um homem empoadão, com bochechas gordas que se chamava Pierre Loti e cuja conversa achou sensaborona.

Meu pai ficou desapontado com este escritor que, no entanto, tinha embelezado pelo seu estilo romântico todas as paisagens que descrevia.

A minha primeira experiência foi a aparição de uma actriz envolvida em véus perfumados sob os quais creio haver um semblante humano; comia entre grandes gargalhadas o que muito me atrapalhou por ser canhoto e pensar que servia de troça aos ditos da artista e seus companheiros. O seu nome era Cécile Sorel.



Neste ambiente elegante como uma caixa envernizada, que é um vagão-restaurante, o procedimento humano muda por completo, as pessoas afinam-se, transformam-se, as paixões interrompem-se as manias anódinas desaparecem e o vocabulário familiar aperfeiçoa-se. Nos primeiros minutos o silêncio é de rigor, o tempo preciso para as senhoras se empoarem e para todas inventarem um passado numa legenda. Todas se afinam como os instrumentos duma orquestra para harmonizar com os vizinhos. Olha-se com indiferença a ementa cuja letra rôxa é clássica (a carne tem um sabor antigo, especial, as saladas sabem a mostarda velha), no entanto todos estão com fome e formando a bicha à porta sem trinco. Alguns balançam-se de um para outro pé. Uma mulher agarra-se ao pescoço do marido, com olhar espantado; uma rapariga acaba de pulir as unhas. Apertamos na mão no bilhetinho que nos dá direito a entrar. Alguns com bilhete para o 3.º serviço tentam entrar para o 2.º com ar inocente para roubar os «eleitos». Mas a campainha liberta toda esta gente fascinada e entorpecida. Os passageiros aproximam-se do primeiro guarda, um por um, entram nessa vida falsa, mais imaginada que vivida para essa aparente refeição quotidiana. A viagem desaparece. Chegámos à mesa já pronta para a refeição, mas a fome que minutos antes era devoradora acalma-se como por encanto, todos dominam a gula e acham que comer uma côdea de pão, é um pecado. Sonha-se um momento com os suplementos, uma fatia de fiambre que nos parece mais rosada, mais apetitosa do que é na realidade. A conversa começa com timidez. Pede-se para pôr a ventoinha em movimento e o seu ar quente desenferruja as línguas. Os serviços de verão são desdobrados, come-se com o relógio na mão; não há licores. O melhor mês no wagon restaurante é Dezembro.

Há duas qualidades de clientela, a de inverno é a que os criados tratam com maior mimo e a que preferem. Essa pode dar-se ao luxo de pedir um puré tostado e a boa fruta que está escondida. Instala-se como na sua própria casa: escolhe as janelas, o serviço e vinhos. Compõe-se de apreciadores em todos os géneros, cheiram os vinhos, os charutos e pensam na sua vida enquanto a paisagem está coberta de neve sob o qual germina a semente. Há a mesa dos caixeiros viajantes, a mais barulhenta — parecem estar sempre em férias e combinam brincadeiras.

Ás vezes o mais velho adormece, certamente pensa em outras refeições no seio da família. Falam muito; todos tem as suas manias, o jogo, a política. Outros convivas mais silenciosos são membros de Câmaras de Comércio, presidentes de Sindicatos, lavradores abastados. Aqui comem-se os pratos mais económicos, bebem-se vinhos com sabor a rolha, alguns ainda usam um anel d'ouro representando uma cobra, com um brilhante num olho; a Legião d'Honra é obrigatória, mas no verão toda esta gente que viaja por negócios é substituída por passageiros alegres em goso de férias, que viajam por prazer, por famílias que ficam desoladas por terem que se separar em vários meses, por crianças mudas que vão para a aldeia passar as férias como os avós, por camponeses de camisas pregueadas à moda antiga e jóias já gastas que lembram as nossas origens de «Pálidos citadinos». Feliz francês que encomenda suplementos com ansiedade (a loucura das viagens), e oferece a si próprio o luxo do wagon restaurante como se passa ao cinema. Quando regressam aos seus compartimentos abrem outra vez as suas grandes cestas merendeiras (lembro-me de uma família que depois da refeição liquidou um cesto cheio de farturas entre Bordeus e Cête, ainda não vai longe o tempo em que cada passageiro trazia o

açucar numa caixinha de pastilhas de Vichy, agora vamos no fundo da chícara, com alegria, um quadradinho de açucar Béghin embrulhado como um bombom que ainda espera o verdadeiro café. Ainda me lembro com pavor do drama dos bilhetes de racionamento quando o criado passava com o pão, queríamos passar por estrangeiros mas ele era incorruptível. Desde a primavera que a abundância entrou no wagon restaurante. Pode-se escolher o queijo e os hors-d'oeuvres. É mais fácil satisfazer o apetite. Voltou o bom tempo aos pratos azul celeste dos wagons-restaurantes W-L. Tivemos calor, tivemos fome. Ainda se vê pequenos estragos das balas na madeira das carruagens, os oficiais alemães ficavam tristes com o uso do vinho francês.

Os combóios que levam wagons-restaurantes não têm reputação duvidosa, nem terminus trágicos. Sentem-se seguros, já não fazem parte desses combóios fantasmas perdidos no nevoeiro e procurando à noite os campos de concentração, todos podem sonhar novamente com viagens em caminhos de ferro com a improvisação culinária do wagon restaurante.

Amigos, aproveitemos este intervalo. Dormita-se um pouco antes da chegada, contanto que não cheguemos a alguma estação desconhecida.

Deixemo-nos embalar ao ritmo antigo.

Tradução do jornal parisiense «Le Figaro Litteraire»

## AOS FERROVIÁRIOS

A Casa José Manuel Pinto, Rua Eugénio dos Santos, 9 - 2.º Esq. (Junto ao Rossio) concede a todos os ferroviários e famílias, o desconto de 25 %, na compra de lentes e armações para óculos, bastando apenas a apresentação do bilhete de identidade ou a simples aposição dum carimbo na respectiva receita médica.

## CINQUENTA ANOS AO SERVIÇO DA COMPANHIA

O «Boletim da C. P.» publica hoje a fotografia de António Campos Júnior, Chefe de 2.ª classe na estação de Matozinhos.

E fá-lo com a maior satisfação, para mostrar aos assinantes da nossa revista um agente que completou este ano, cinquenta anos de serviço, facto que não é vulgar.

António de Campos Júnior foi admitido como praticante em 1 de Fevereiro de 1900, tendo sido nomeado praticante do quadro em 1 de Abril de 1901 e factor em 16 de Abril de 1903.

Depois de transitar pelas categorias de telegrafista e revisor de bilhetes, foi promovido a chefe de 3.ª classe em 1 de Novembro de 1905 e a chefe de 2.ª classe em 8 de Abril de 1915.

O «Boletim da C. P.» regista o facto com o maior prazer e cumprimenta o assinante António Campos Júnior, desejando-lhe longa vida.

## AGRADECIMENTO

Do Comandante de Batalhão de Caminhos de Ferro, Coronel Frederico Vilar, recebemos a seguinte carta, que levamos ao conhecimento dos nossos leitores:

*A Direcção do «Boletim da C. P.»*

*Muito reconhecido e com os meus respeitosos cumprimentos, agradeço a amabilidade que tiveram em se dignar oferecer à nossa sala dos sargentos deste Batalhão, a colecção completa dos Boletins dessa Companhia, referente ao corrente ano.*

*A Bem da Nação*

*Lisboa, 18 de Agosto de 1950*

O Comandante  
Frederico Vilar  
Coronel de Engenharia



# As Promessas

Por JOSÉ MALHÔA

**A**rte é obra de cultura e sensibilidade. Nem toda a gente a sabe ver e apreciar, havendo pintores mais fáceis de compreender do que outros.

Malhôa tinha, entre outras virtudes, a de saber transmitir ás suas pinturas, quentes e coloridas, um poder especial de atração, de simpatia, de sedução, que prontamente criava amigos e admiradores.

O quadro «As Promessas», cuja reprodução é o nosso brinde de Natal, representa um trecho da vida rústica portuguesa. Rico de cor, exuberante de luz, prodigioso de técnica, não há ninguém que não o comprehenda. Estamos certos que, dentro de semanas, não tardará a figurar nos lares dos nossos assinantes, a linda reprodução de um dos mais notáveis trabalhos do pintor José Malhôa. Bastará colar a reprodução em cartão de cōres suaves e colocar-lhe à volta uma moldura de madeira, pintada a purpurina, para que os nossos leitores tiñem com uma obra de arte nas paredes das suas residências.

«As Promessas», quadro que Malhôa estudou apaixonadamente, durante seis anos, tem história idêntica ao que o Brasil conserva com o nome de «A Procissão».

Lembrou-se o Mestre que o arraial, os andores e os romeiros da festa da Bairrada, seriam ótimos elementos para o quadro que trazia na lembrança e, no dia da festa, quando todos se endomingaram e largaram o trabalho, ele ai vai pela estrada fora, alegre e contente, com os pincéis e as caixas de

tintas. Um dos modelos transporta o cavalete e um largo chapéu de sol, quando, ao longe, avista a procissão;

E' chegado o momento de pintar o quadro em que tanto pensava e que foi assinado meses antes da morte do artista, ou seja em 1933.

Ao ouvir o foguetório, prepara-se. Tem a visão súbita do acontecimento. Procura esboçar figuras. O cortejo aproxima-se e Malhôa, com o prestígio do seu nome e da sua arte, coloca-se a meio da estrada, e solemnemente, dá a voz de alto à procissão!

Cala-se a música. Uma das penitentes, vencida pelo cansaço, é amparada por um irmão da confraria, enquanto outra, quase exausta, se ergue a custo da estrada poeirenta, com a ajuda da vizinha.

Mais atrás, indiferente ao bulício da festa, o andor da Virgem, emoldurado de pendões vermelhos. O padre sorri, os anjos descansam e, como por encanto, ali ficam todos, enquanto o Mestre traça com rabiscos fantásticos, as principais figuras do cortejo.

Tudo cheira a giesta e a rosmaninho. Junte-se a isto o estoirar dos foguetes, as opas dos romeiros, as barracas dos tendeiros, as lamúrias dos pedintes e estamos em presença dum quadro, magnífico de composição, um autêntico quadro de Malhôa.

É este o brinde que o «Boletim da C. P.» oferece aos seus assinantes, nesta quadra festiva do Natal de 1950.

A. M.



AS PROMESSAS

PINTURA A ÓLEO DE JOSÉ MALHOA

Execução da Litografia de Portugal — Lisboa — Julho 1950



# A Consoada

Por CARLOS MALHEIRO DIAS

**A**S argolas, mãe? — perguntou, do catre-zinho de bancos, a voz estremunhada da criança, que acordara ao rangido da porta.

— Dorme, rapariga... Não ficas sem a consoada... Teu pai ainda não chegou da feira.

A criança voltou-se no catre, ficou com os olhos abertos, encolhida e emudecida, fitando o fogo da caruma, quase extinto no lar, onde requentava a ceia do Natal.

Acocorada na soleira da porta, a mãe, embrulhada num chale, está à espreita, atenta ao menor rumor que vem da estrada.

Já por duas vezes, com o ramalhar das carvalhas ao vento, ela cuidou ouvir tropejar ao longe a cavalgadura.

Não se enxergava um palmo na escuridão da noite de lua nova. Um mar de nuvens cobria os céus, ao fim da tarde. Nem um luzeiro de estréla trespassa agora aquél negrume denso que enche os espaços e por onde o vento anda à solta, varejando as carvalheiras das bouças e assobiando as agulhas dos pinheiros como uma orquestra de flautas.

— Valha-me Deus! o que atém lá por fora aquele homem, a estas horas da noite! — murmura a mulher, sucumbida.

— O mãe, não haveria argolas na feira e terá o pai ido por elas à vila...

— Dorme, rapariga! Amanha já tens as argolas nas orelhas... Por amôr delas desandou teu pai, sózinho na égua, por essa serra, que mete medo!

Eram a consoada da filha. A colheita em pão e vinho fora de dar graças a Deus. Não havia a pequena de ficar sem as argolas por mais tempo. Logo ao clarear da manhã, o

Manuel da Eira selara a égua, entalara o varapau debaixo da coxa, lembrado da quadrilha de Redemoinhos, e pusera-se a caminho para a feira de Lanhoso, prometendo estar de volta ao amortecer do sol, para consoar.

Ainda a mulher advertira, receosa:

— Mete-te a caminho cedo. Toma tento com a ladroagem de Redemoinhos!

E o Manuel da Eira, destemido, voltara-se no selim:

— Hoje é o dia em que nasceu o Salvador. Os ladrões também são gente cristã!

E picando a égua com a espora, abalara, afoito, pela estrada.

Já ao longe, na igreja da freguesia, os sinos tinham tocado para a missa do galo. Rajadas mais fortes de vento enchiam os céus de um borborinho sibilante e agitavam no alpendre os sarmentos das vides ainda por podar.

Subito, a criança e a mãe erguem-se no catre e no poial da porta.

Uma voz chama, de entre o negrume da noite:

— Ó s' Maria da Eira!

Sobre as traves, o vento parece que arrasta as telhas. Na corte, os porcos grunhem. Uma nuvem de cinzas ergue-se e rodopia no lar, sobre a caruma.

Sem pinga de sangue, a mulher grita, numa ansiedade, aflita, empurrando a cangaça:

— Quem me chama?

E entre o rumor do vento distingue a tropada da égua, os passos vagarosos de dois homens.

— Traga a candeia... — torna a voz, na estrada.

A criança está já fora do catre, à espera das argolas, esfregando nas costas da mão olhos foscos de sono.

Tropeçando na saia, a mulher desengancha a candeia da parede, e à luz mortiça, saindo ao terreiro, vê o seu homem, trazido a braços, como morto. Atrás do grupo fúnebre avança a égua trôpega.

Os homens param. O da frente, encarando com o destino da mulher, resmoneia, esbaforido:

— Tome conta na luz! Não vamos agora ficar neste negrume! O seu homem vem vivo.

Só então ela parece acordar do seu doloroso espanto e soluça, erguendo para o céu ventoso os braços, deixando fugir o chale.

— Nossa Senhora! Divino amor de Deus, que estou desgraçada!

— Cale-se, mulher! Derreados vimos nós com este peso! Demos com ele numa vala, caído ao pé da égua. Foi pancada que lhe atiraram à falsa fé para o roubar.

Em altos gritos, ela empurra a porta, ajuda a deitar o seu homem no catre. A criança soluça refugiada a um canto, sufocada pelo medo, e enquanto a mulher rasga, com a violência do terror, uma camisa de linho para ligaduras, os dois homens lavam as mãos ensanguentadas num alguidar e aticam o lume da lareira com um graveto de tojo.

Debalde a mulher agora espurge

de vinagre o rosto desfigurado do ferido. Com o braço pendente e as unhas cravadas na palma da mão direita, enlameado e lívido, o Manuel da Eira parece morto, estendido no catre.

— Ele já não tem vida! — clama, num alarido de lágrimas, a viúva, desanimando de abrir aquela mão crispada de defunto.

Os homens deixam de aticar o brazeiro, amparam-na e erguem-na do chão, onde ela se deixou cair desanimada, arrancando os cabelos, com um escarcéu de gritos e soluços.

— Os homens não fecham as mãos. Isto é coisa que ele tem escondida.

Então, novamente, reconfortada por uma última esperança, mais do que em estancar o sangue das feridas, em abrir o punho obstinadamente fechado do seu homem.

Mas desfalece depressa e de novo abate, com a voz estrangulada de soluços maiores.

Por sua vez, os dois homens tentam, inutilmente, desunir da palma sangrenta os dedos inflexíveis.

— Pai, abra a mão! — gême também a criança, aterrada e aflita.

As suas mãozinhas molhadas de lágrimas imaginam ter a força, que aos outros falta, para despegar aquela garra.

— Abra a mão, pai!

E de repente obedecendo à vozita implorante, a mão abre-se e duas argolas de ouro, pequeninas, aparecem, reluzem e tilintam no soalho.



NOITE SANTA — Pintura de Corregio

# PERGUNTAS E RESPOSTAS

Por terem saído, a pág. 18 do nosso Boletim n.º 255, de Setembro, com algumas inexactidões, as perguntas n.ºs 20 e 23, publicamo-las hoje de novo, com as respectivas respostas.

## I — Divisão Comercial

**Pergunta n.º 20** — Qual deve ser a cobrança a efectuar a um oficial do exército que apresenta ao revisor do comboio 4, requisição do Ministério da Guerra, em 1.ª classe de Campanhã a Espinho, onde se destina, sem ser válida para o comboio rápido e identidade para redução de 75%?

**Resposta** — É a seguinte a descriminação da taxa:

### Requisição

Campanhã a Espinho — 20 km.

20 km.  $\times \$50 : 2 \dots = 5\$00$

Aumento de 20% ..... = 1\$00 6\$00

### Complemento para os 100 kms.

100 kms. — 20 = 80 .

80 kms.  $\times \$50 : 4 \dots = 10\$00$

Taxa de velocidade

para 100 kms. ....

5\$00  $\times 2$  fracções de

50 kms. ..... = 10\$00

Importância total a cobrar .. 20\$00

///

**Pergunta n.º 23** — Uma remessa com o peso de 700 quilos, chegou a destino em 17-2 e foi retirada em 21-2 como estivesse compreendido um domingo, apenas foi cobrado um dia de armazenagem, isto é,  $\$30 \times 7 = 2\$10$ .

O consignatário deixou ainda a remessa, por retirar até ao dia 22, e, como tal, foi cobrado mais um dia de armazenagem, ou seja 2\$10. Há a opinião que o preço da 2.ª armazenagem é de  $\$40 \times 7 = 2\$80$ . Eu não concordo porque se trata de um novo processo de armazenagem, o que não sucederia se a remessa não tivesse sido despachada, visto que em tal caso seriam  $\$30 + \$40 = \$70 \times 7 = 4\$90$ .

Agradeço ser esclarecido.

**Resposta** — As armazenagens respeitantes à permanência das remessas nas estações, depois da data da entrega, constituem a sequência das vencidas anteriormente.

Se, como se infere das indicações do consultante, o caso apresentado diz respeito à estação de Barca de Alva e tem relação com qualquer das mercadorias, não sujeitas a fácil deterioração abrangidas pelo n.º 5 do título II do art. 7.º da Tarifa de Despesas Acessórias (15.º Aditamento — página 3), está certa a contagem dos períodos de armazenagem e a taxa correspondente ao dia 21 de Fevereiro de 1950, mas relativa-

mente ao dia 22 corresponde a importância de 2\$80 conforme a descriminação seguinte:

$$7 \times \$40 = 2\$80$$

## II — Divisão de Exploração

**Pergunta n.º 25** — A Automotora n.º 4.012 efectua cruzamento extraordinário com o comboio n.º 4.275 em S. Mamede. Porém, nesta estação seguiram à sua frente os comboios n.ºs 4.221 e 4.013, interversão que foi passada a Caldas antes da Automotora n.º 4.012 ter dali partido.

Nesta conformidade, é minha opinião, em obediência ao Art. 64.º do livro 2, recordado pela Instrução n.º 2.504 que Caldas deve estabelecer Mod. M 117, marcando cruzamento na sua estação, e em face do telegrama da interversão fornecer-lhe também Mod. M 126. Óbidos o que tem a fazer?

**Resposta** — Como o comboio n.º 4.275 é extraordinário, circulava atrasado e tem a sua hora de chegada a Caldas, antes da automotora n.º 4.012, esta estação devia fornecer ao pessoal desta o mod. M 117 estabelecendo o cruzamento com o comboio n.º 4.275 na sua própria estação, não o alterando para Óbidos visto ter conhecimento que este foi ultrapassado em S. Mamede pelo comboio n.º 4.221, mas fornecendo o Mod. M 126 justificativo desta circunstância.

Em harmonia com o Art. 35.º do Regulamento 2, a estação de Óbidos deve fornecer ao pessoal da automotora n.º 4.012, o Mod. M 116 (alteração de cruzamento para a estação de S. Mamede).

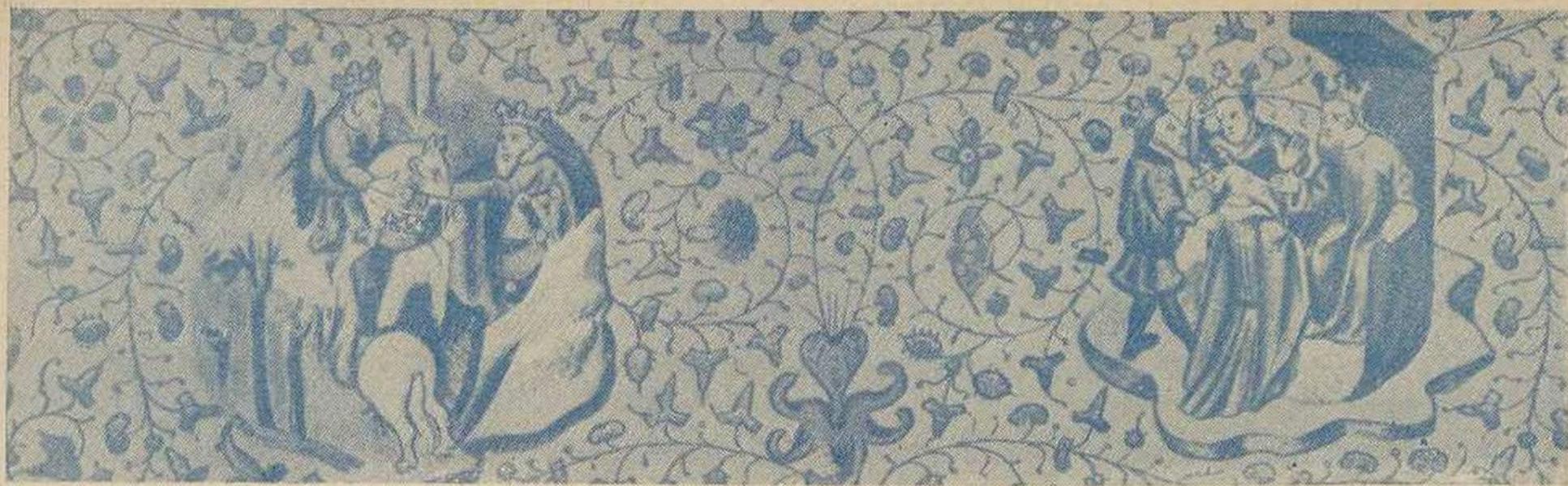
De notar é que o mod. M 126 fornecido por Caldas ao pessoal da automotora n.º 4.012, notificando que o comboio n.º 4.275 tinha sido ultrapassado em S. Mamede pelos comboios n.ºs 4.221 e 4.013, foi irregularmente preenchido, visto que as circulações n.ºs 4.012 e 4.221 circulavam à sua hora e o cruzamento do primeiro com o comboio n.º 4.013 está fixado em Bombarral.

## ENTRONCAMENTO

A fotografia publicada na página seguinte, representa a estação do Entroncamento — uma das maiores da nossa rede — na qual trabalham muitas centenas de assinantes da nossa revista.

O Entroncamento é hoje uma vila progressiva, administrada modelarmente por ferroviários, merecendo, por tudo isto, a distinção desta magnífica fotografia aérea, que foi oferecida gentilmente ao «Boletim da C. P.» pelo Subchefe do Serviço de Reclamações, sr. Aparício Frutuoso, a quem endereçamos os nossos agradecimentos.





# A Missa do Galo

Por ALEXANDRE HERCULANO

O ribeiro estrepita no fundo do vale, porque as águas do inverno o tornaram caudal e soberbo: sobre as suas águas barrentas os choupos e os álamos pendem de um e outro lado, enlaçando os ramos nus, semelhantes aos dedos cruzados de mãos que se ergueram para orar ao Senhor. As estrélas cintilam no céu; mas já sobre os topes de uma das serras contíguas ao vale surge um clarão pálido e indeciso, que envolve dentro do vasto semi círculo alvacente, estampado na abóboda celeste, a luz concentrada e remota dos astros, que ainda há pouco refulgiam por cima daquele horizonte rendado pelos píncaros agudos da montanha. É a luz que vai nascer: uma orla desbotada de fogo começa a subir por entre os penhascos, e a neve acumulada pelos cabeços solitários reflecte a claridade baça do luar tornando-a rutilante, como quando se refrange na superfície crêspa do oceano. O nordeste gelado gemendo pelos soutos e pinhais das encostas, e sussurrando contente pelas sarças e estevais da planície, deixa ver ao clarão da lua, debaixo das árvores despidas, fantasmas trémulos, que dançam ao sibilar do vento, meneando-se a compasso com o agitar das ramas dos pinheiros, que se baloçam e curvam como para espreitar essas danças aéreas, em que à sombra dêles

os espíritos da noite parecem querer esconder-se do aspecto plácido e melancólico da lua. Esta na sua ascensão insensível encaminha-se já para as alturas do céu, e balouça-se aprumada sobre as cumeadas esplêndidas da serra, como uma lâmpada mortiça, suspensa no espaço por mão invisível. O vento quebrou de todo, e êsse mar transparente chamado atmosfera, cujos abismos são os nossos vales risonhos, cujos baixios são os mais altos picos do Himalaia e dos Andes, ficou tranquilo como um sepulcro, porque bem como o sepulcro é frio e silencioso. Mas debaixo dêle está a vida.

Lá — entre as serras, as sombras esguias das duas torres do mosteiro se estiram sobre a neve, que aí mais rara deixa transparecer os espiões dos cômoros cobertos de sarças semelhantes à pele raiada da zebra do deserto. De uma dessas torres há pouco se encaminhavam, vibrando nos ares, onze badaladas lentas e compassadas, e discorrendo pela aldeia do vale, disseram a cada uma das portas: «daqui a uma hora será meia noite».

São vinte e quatro dias andados do mês de Dezembro. A porta da paróquia está aberta: velas de cera amarelada ardem em castiçais de estanho sobre a banqueta do único altar da pobre casa de Deus, e alu-

miam esse recinto contido entre quatro paredes alvas e despidas. Um sacerdote ancião e desconhecido — o pastor de cem ovelhas — aí vai oferecer a hóstia do cordeiro à mesma hora em que na cidade, a que o rei dos poetas — o anglicano, ou antes o descredo Byron — chamou *espiritual*, — a oferecerá também o sumo pastor, entre as pompas de S. Pedro, por milhões de fiéis. Não tarda a missa da meia noite.

Para qual dos dois sacrifícios lançará os olhos mais benignos o Senhor?

Pelas moradas dos aldeões, até então escuras e caladas, começam através das portas, cujas fechaduras rangem abrindo-se e fechando-se, a aparecer, sumir-se, subir, descer, aproximar-se, alongar-se, como as exalações fugazes de um brejo lodoso, as luzes que vêm, voltam, giram, param, acendem-se e apagam-se. Depois pelas quelhas tortuosas, mal-gradadas, estreitas, da aldeia caminham vultos, soam vozes, ruído de pássaros, rir sumido, repreender alto. Os mancebos vestiram para a noite os seus trajes

de festa; as camponesas hão-devê-los durante a missa, antes e depois dela, à luz das tochas acesas, à claridade incerta do luar. Motejos inocentes, sorrisos amorosos, olhares eloquentes, um apertar de mão fugitivo, uma palavra dita a furto no perpassar da gente pelo adro, ou na estreita porta da igreja, e depois esquecer isto tudo, ajoelhar e rezar com fervor, para daí a pouco tornar a esquecer a devoção e renovar os afectos e pensamentos de uma vida como a campestre, na qual as paixões são vivas, porém não tempestuosas como as paixões cortesãs das grandes cidades, eis o que reune em duas horas uma noite da missa do galo.

A missa do galo é como as outras festividades católicas de uma boa instituição religiosa, porque é rica de sensações e afectos para o homem do povo. São estas festas populares as balizas que os humildes e pequenos deixam em cada ano da vida para a sua história íntima: é lançando os olhos para esses marcos, que eles medem por gratas recordações o caminho que andaram na viagem do existir — tudo o mais é a estrada, plana sim, mas coberta de urzes, de um trabalho contínuo, uniforme, material, sobre que pesa a atmosfera nebulosa e descolorada de uma completa nulidade intelectual e moral, sem pensamentos, sem reflexões, sem crimes, sem outras virtudes senão as mais simples e vulgares; existir que fôra mais próximo da vida animal que da humana, a serem essas horas das festas religiosas, em que a grosseira sensualidade se mistura e enlaça com as idéias do céu; em que, para assim o exprimir, estas se materializam, e aquela se espiritualiza; em que o coração rude do popular mistura a imagem de Deus com a imagem da mulher — a devoção com o banquete modesto — as preces com a alegria — o ajoelhar no templo com o erguer a taça em folgar de alta noute — em que, por dizer tudo — o menos intelectual dos homens é momentaneamente poeta.

O que é a poesia? O transfundir o ideal no real — o aproximar o céu da terra, e elevar esta até o céu. A noite da missa do galo gera a poesia em corações que no outro dia ela não saberia agitar. Onde e quando o camponês à meia noite do dia vinte e quatro de Dezembro, dormir no seu pobre e



NATIVIDADE

duro leito, a paróquia da aldeia estiver às escuras e fechada, embora as habitações rurais revelem no aspecto exterior a abastança dos seus donos; embora, ao longe, os vales e outeiros em redor da povoação provem que o progresso da agricultura e da indústria é imenso nesse país; quando e onde não ouvirdes falar na tarde desse dia os moços e raparigas, os velhos e as crianças na missa da meia-noite, podeis derramar lágrimas sobre a sorte de tal povo; ele caiu no mais fundo abismo da verdadeira desgraça:

Porque essa gente renegou dos poucos instantes em que a poesia visita aquêles a quem a Providência não predestinou desde o berço para o viver misterioso do poeta. Se os que aí habitam deixaram balizas de recordações na sua vida passada, que outras podem elas ser senão os marcos negros de desventuras e agonias, que tantas vezes contristam a existência do homem de trabalho, ainda nos países onde comparativamente se lhe pode dar o nome de abastado e feliz?

Mal haja aquêle que pretende separar a religião do gôso popular. Quem o alcançasse não teria feito senão tornar aquela uma abstracção ininteligível para o vulgo; êste uma orgia grosseira, sensual, e hedionda.

A religião melhora e santifica até os deleites das multidões: a religião é a única piscina em que se podem mundificar os corações não educados pela civilização e pela filosofia.

Mas para que é isto tudo? — Para que vem aqui êste longo comento sobre a coisa mais trivial e simples — a missa do gallo?

É para vos pedir que vos demoreis ainda por um pouco na aldeia, que assentada nas faldas da serra alveja ao luar, sotoposta aos cabeços nevados, onde se pulem e tornam esplendentes os raios pálidos e sem brilho da lua, que vai passando silenciosa nas solidões do espaço, rainha e senhora da noite.

Chegai-vos a esta gelosia baixa, cujas portas interiores estão ainda abertas, deixando passar a claridade da fogueira, que ondeia no extenso lar. — Vêde aquêle ancião cuja fronte calva enrugaram os anos, cujas



A VIRGEM, O MENINO DE JESUS E S. JOÃO  
Pintura de Botticelli  
Museu do Louvre

melenas caídas sobre os ombros embranqueceram os invernos: vêde-o entre a sua família: são três filhas donzelas cujo único arrimo é o venerando agricultor seu pai. Estão todos assentados à roda de um bufete, cujos pés torneados em espirais revelam a antiguidade dessa mesa secular e a tornam um membro da família; porque parece que um destes velhos trastes sabe os segredos dos antepassados; porque sobre ele caíram as bençãos de pais e de avós antes de repartir o alimento aos filhos ou netos; porque sobre ele ficaram sussurrando as orações de graças dadas no fim da ceia por muitos anos, e por muitas gerações, e estas bençãos e orações vêm entrecer-se com as orações e bençãos do presente. Vêde como o velho reparte em silêncio a suas filhas a ceia da noite de Natal, e como os rostos das donzelas são graves e severos, grave e severo o rosto de seu pai; como a tristeza pousa sobre a família, povoa esta morada, enquanto nas moradas vizinhas as risadas da alegria resrugem entre o tinir dos copos, transpiram através das portas cerradas e espalham pela

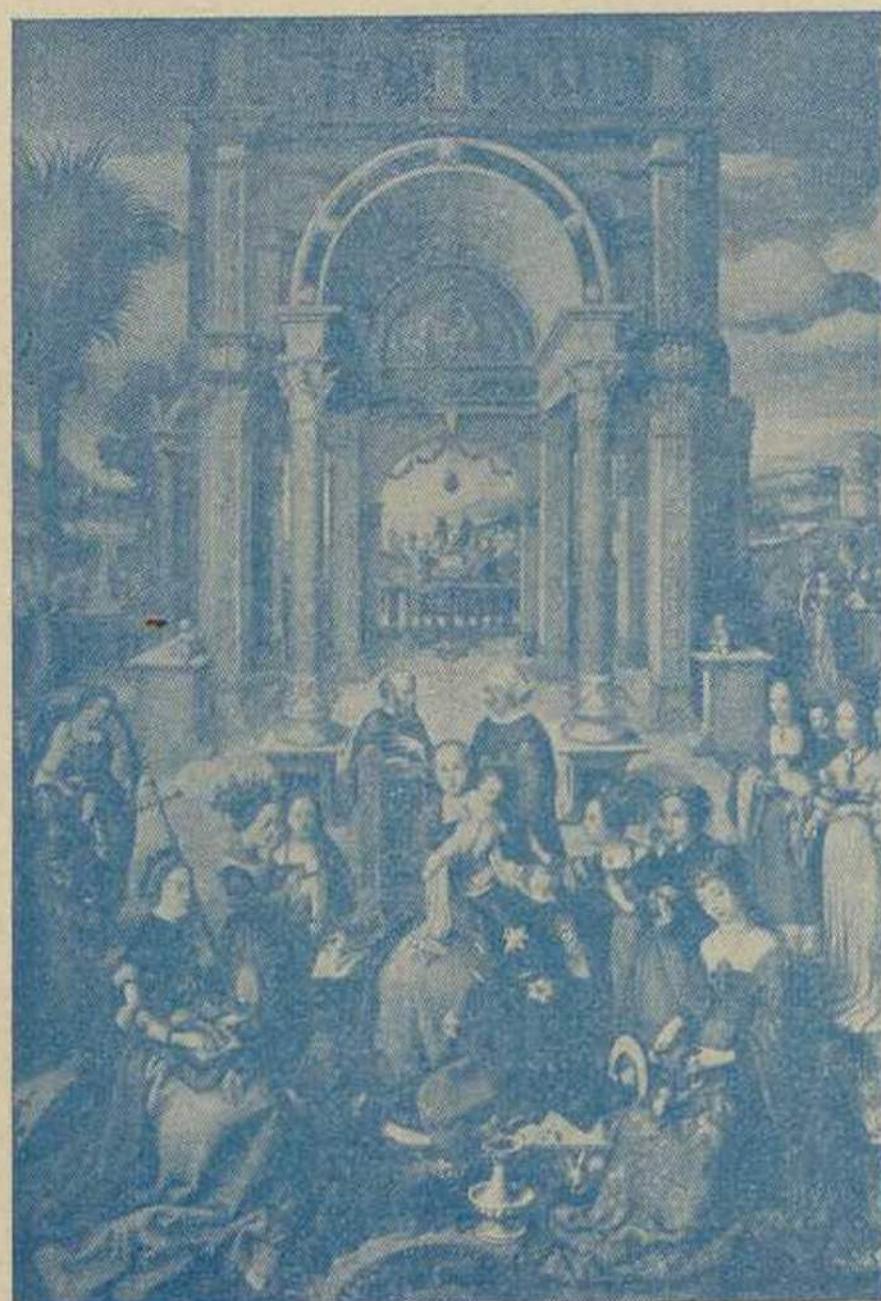
aldeia o sussurro, que indica a felicidade. Donde procederá a exceção? — Porque este tristonho contraste?

Dizei: — não vos soa lá dentro uma voz semelhante a uma blasfémia — a uma acusação insensata contra a Providência? Não vos parece que essa tristeza que vêdes tem uma causa fácil de perceber? Nao imaginais que esses vultos melancólicos do velho e das donzelas que, junto a um dos marcos da vida, param e lançam os olhos aterrados pelo caminho do passado e do futuro, e que enquanto o pai vê que em sua peregrinação se aproxima do lugar do repouso, as filhas conhecem que apenas a tem começado? Nao

credes que o despedir-se dêsse romeiro da morte, a que se chama homem, quando ele se deitar para dormir seu sono de verdadeiro descanso, será dolorosamente terrível, e que não menos o será para suas filhas que apenas encetam a romagem da sepultura, a que puseram o nome de vida? O velho era o bordão a que as pobrezinhas se encostavam e quando ele lhes faltar a quem hão-de socorrer-se as mesquinhias?

Porque lhes não deu a Providência um irmão?

Do livro: Cenas de um ano da minha vida, *A vida soldadesca*



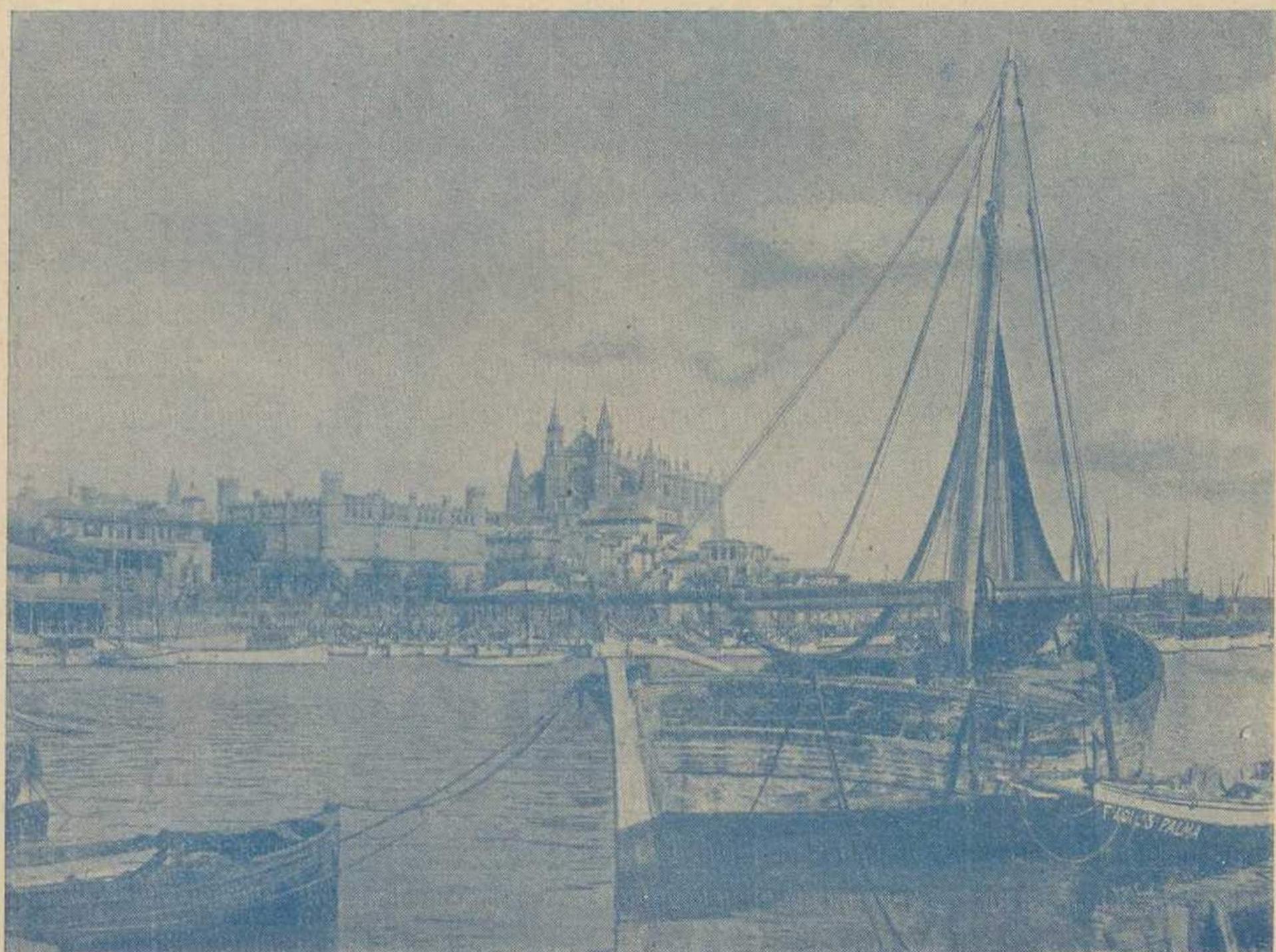
A VIRGEM, O MENINO E SANTOS  
Pintura de *Hans Holbein, o Velho*  
(Escola alemã: séculos XV-XVI) Museu das Janelas Verdes

# A próxima excursão será a Espanha e às Baleares

No ano de 1949, o «Boletim da C. P.» organizou a primeira excursão dos seus assinantes, a qual teve o melhor acolhimento.

Em Junho deste ano, realizou-se a excursão à Suíça, país de turismo de belezas incomparáveis que os nossos assinantes percorreram durante dez dias e donde re-

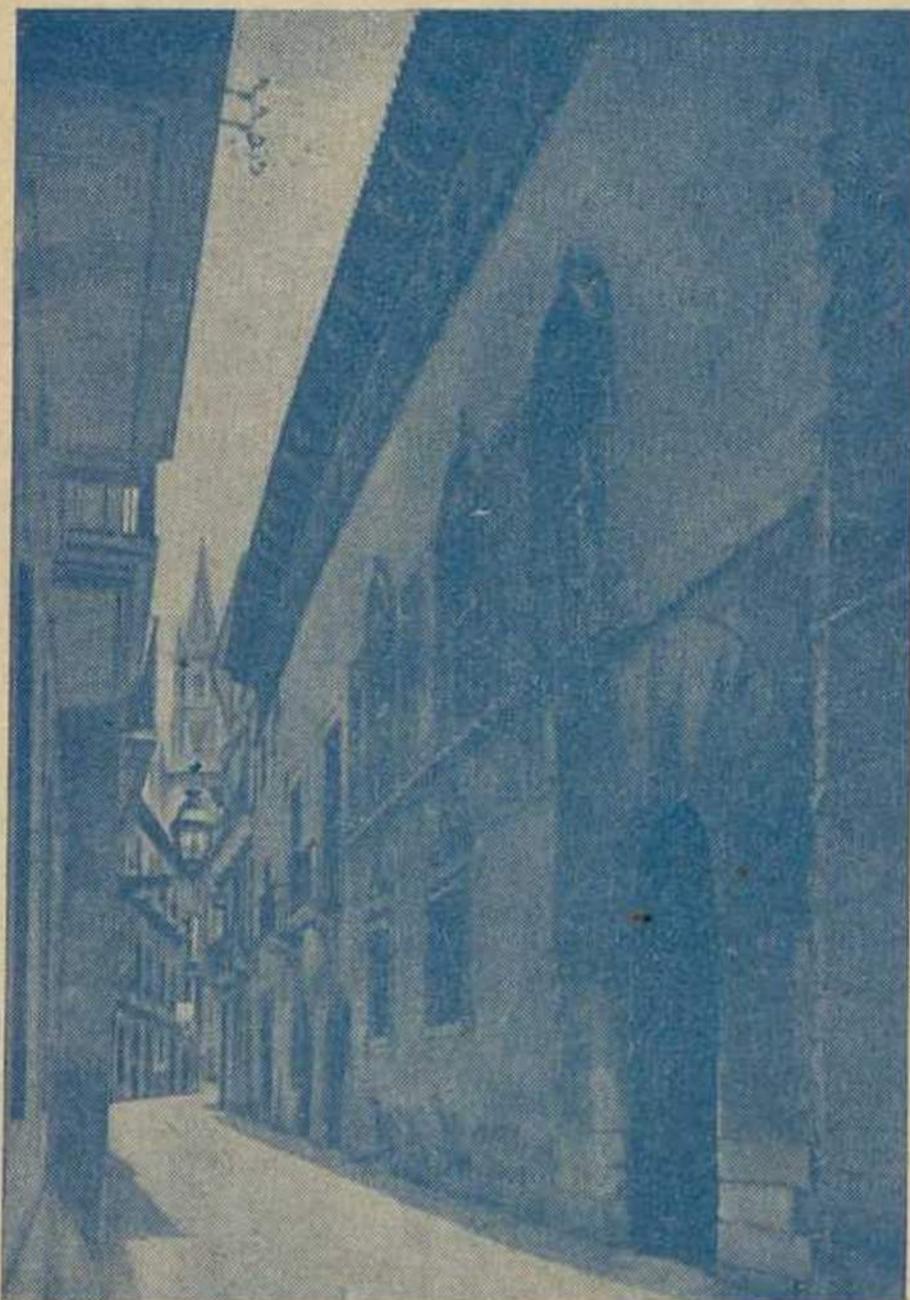
gressaram verdadeiramente maravilhados. As excursões do «Boletim da C. P.» começaram a ser desejadas pelos assinantes de todos os serviços e categorias, chegando-nos perguntas de toda a parte sobre a excursão a realizar no próximo ano. E com as perguntas, vêm também sugestões sobre os países a visitar.



PALMA DE MALLORCA — A Catedral e Lonja vistas do porto

Há quem pense na Inglaterra, quem deseja a Itália, quem sonhe com a Holanda e até quem tenha a paixão do Oriente. Esquecem-se os nossos assinantes que a excursão do «Boletim da C. P.» têm apenas a duração de quinze dias, não podendo a importância da inscrição ser muito elevada.

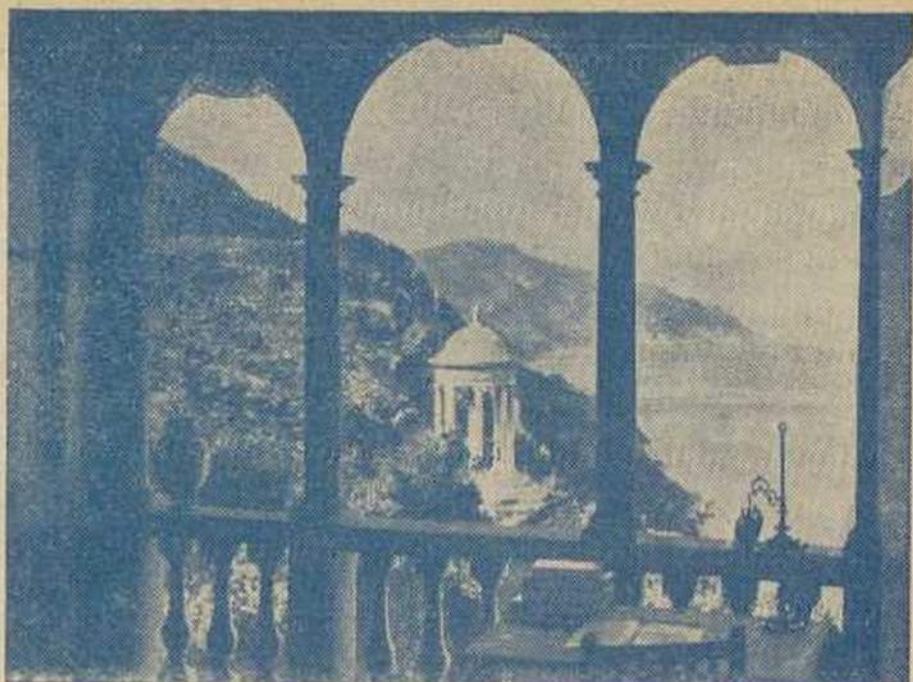
A excursão do próximo ano vai constituir uma agradável surpresa, destinada a causar sucesso, pois inclui a visita das mais belas regiões de Espanha e a per-



Casa Oleza, Fachada

manência de alguns dias, em pleno Mediterrâneo.

Além das cidades de Sevilha, Madrid, Valência e Barcelona, serão visitados os mosteiros de Escorial e Montserrat, devendo o programa incluir o trajecto, em barco, de Valência a Mallorca e desta ilha a Barcelona. Mallorca, a ilha dourada, constitui uma grande atração turística de renome



Son Marroig (Miramar)

mundial, onde as grutas, as praias, os panoramas proporcionam ao viajante horas de verdadeiro encantamento.

Para tomar parte nesta excursão torna-se indispensável ser assinante do «Boletim da C. P.», devendo a viagem realizar-se no começo de Junho. O preço da inscrição, de Esc. 2.000\$00, compreende transportes, hotéis, visitas, alimentação em trânsito, etc., sendo o pagamento feito em prestações semanais, a partir de 1 de Janeiro de 1951.

Está aberta a inscrição para a excursão do «Boletim da C. P.», às Ilhas Baleares.

Dado o êxito das anteriores excursões, em que todo o programa foi cumprido rigorosamente, e dado ainda o preço da próxima viagem, é de esperar uma grande concorrência de excursionistas.



Costa de Miramar Foradada

# O CAMIÃO-GIGANTE E OS CAMINHOS DE FERRO

Pelo Eng.<sup>o</sup> OSCAR S. AMORIM  
Do Serviço de Obras Metálicas da Divisão de Via e Obras.

*Os jornais, aqui há meses, fizeram referências ao Camião-Gigante, meio de transporte para peças de grandes proporções a aplicar na Barragem do Castelo do Bode. Por motivo da circulação deste veículo de carga, foi interrompido o trânsito em algumas estradas, tendo as pontes e pontões sido alargados e reforçados, única forma de permitir a passagem ao estranho camião.*

*Sucedeu que muitas peças destinadas àquela barragem foram transportadas em caminhos de ferro, para o que tiveram de ser adoptadas medidas para facilitar o carregamento.*

*Recentemente, quando da viagem do camião-gigante ao porto de Leixões, o nosso assinante Eng.<sup>o</sup> Oscar Amorim fez algumas fotografias, que acompanhou duma pequena*

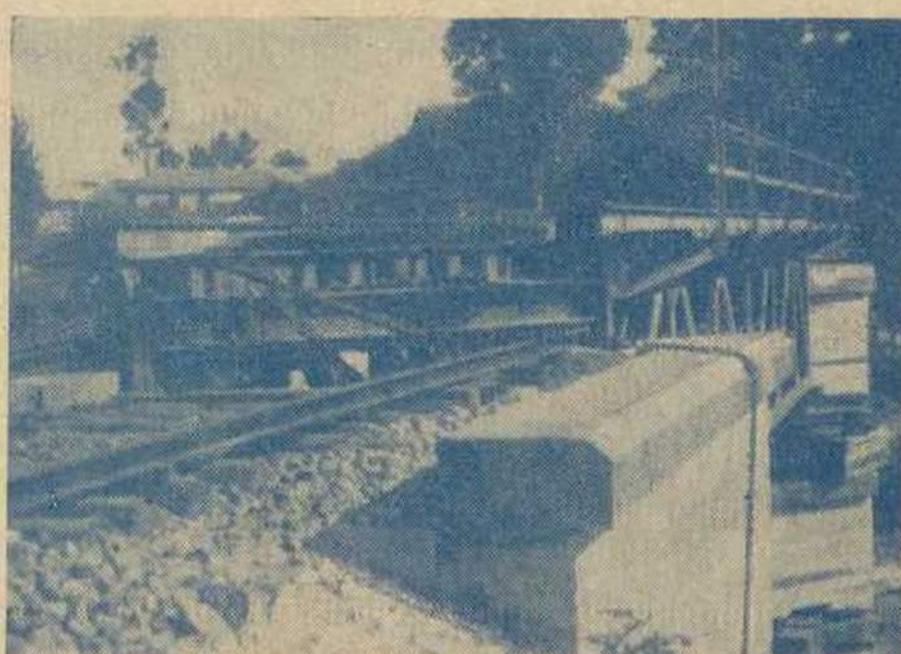


Figura 2

*nota de reportagem prestando-nos assim a sua colaboração.*

*Os nossos agradecimentos.*

No dia 13 de Outubro passado fez o camião-gigante uma viagem do porto de Leixões a Palmilheira, transportando a carga de 80 T.

No seu trajecto tinha que passar, na estrada nacional n.<sup>o</sup> 12, sob a P. I. da via férrea, existente ao K.<sup>o</sup> 2,163.000 do Ramal de Ermezinde a S. Gemil.

A obra de arte metálica desta P. I. tem o vão de 21,00 m., com vigas principais, de rótula, de 3,00 m. de altura e tabuleiro superior.

Como o gabarit de carga das Estradas fôsse excedido em altura pelo conjunto ca-



Figura 1

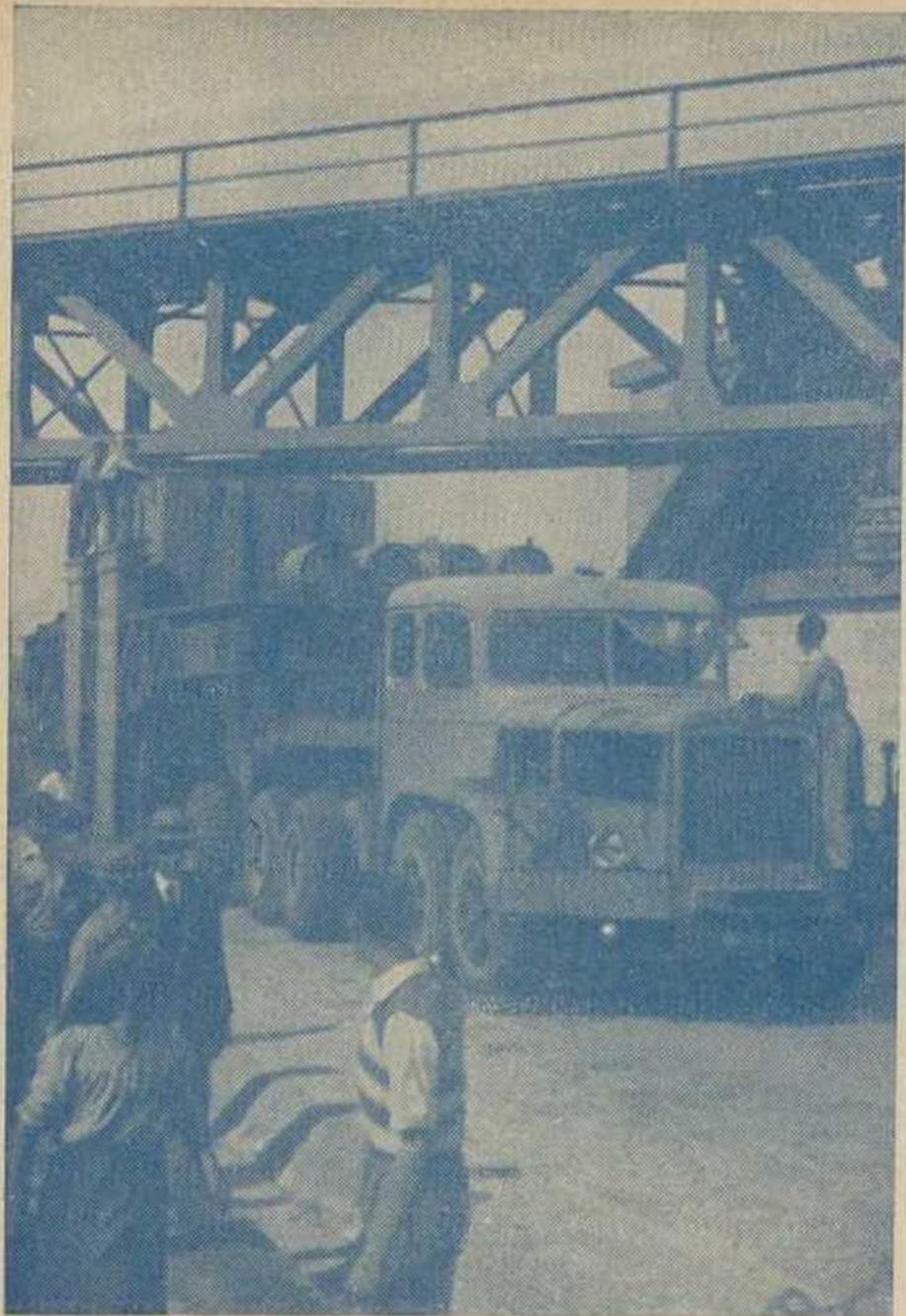


Figura 3

miao-carga, tornou-se necessário elevar a ponte da P. I. de 1,30 m.

A referida obra de arte está situada num ramal em que as circulações não são fre-

quentes; assim não houve necessidade de actuar por processos rápidos, que reduzisse ao mínimo a interrupção das circulações ou, tanto quanto possível, a evitasse mesmo.

A linha foi cortada e a via dada por interrompida.

Uma vez este trabalho executado, foi a ponte elevada por meio de macacos hidráulicos, e colocando os convenientes calces, se foi ganhando a altura necessária. Elevaraam os apoios de 1,45 m., isto é, deixaram-se 0,15 m. de folga.

Nas fotografias vemos diversos aspectos do trabalho.

N.º 1 — Vista do conjunto da P. I., depois de elevada.

N.º 2 — Pormenor da elevação, vista de topo. Nota-se perfeitamente a diferença de nível entre a via e o tabuleiro da obra de arte.

N.º 3 — O camião passando sob a ponte.

N.º 4 — Um pormenor do camião. Vêm-se os dois condutores posteriores que comandam, um os rodados direitos, outro os esquerdos. Ambos estão em permanente comunicação telefónica com o conductor anterior, que vai na cabine.

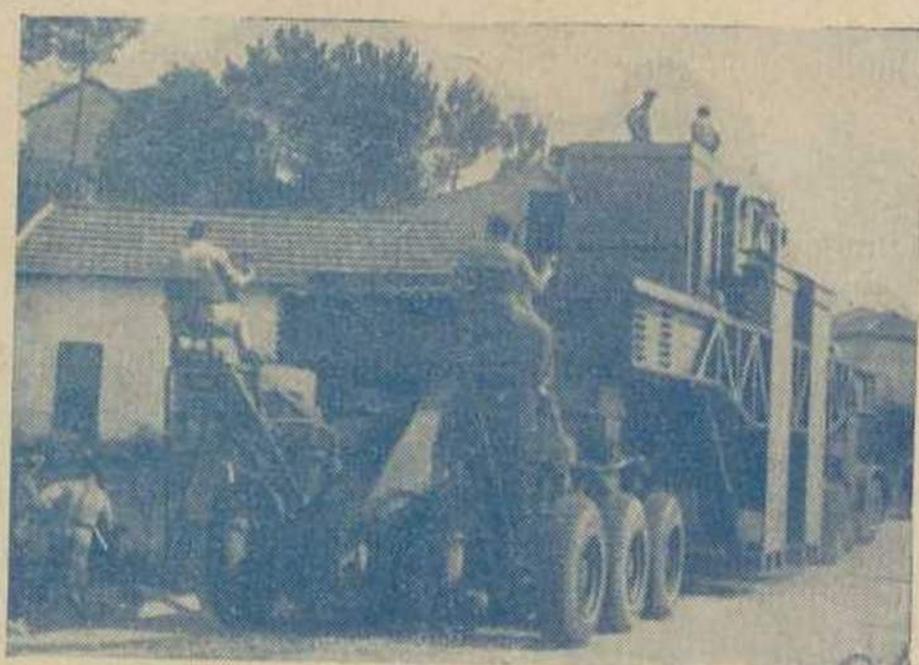


Figura 4

# S E . . .

Se podes ver desfeita a obra da tua vida  
E, impassível, tornar ao sonho que se esvai...  
Perder sùbitamente a batalha vencida,  
    Sem um gesto ou um ai;  
Se podes ser amante e não morrer de amor;  
Ser forte e ainda terno em teu rude lidar;  
E, odiado, sem jamais a ninguém ter rancor,  
    Defender-te e lutar;

Se podes suportar que sejam malsinadas  
As tuas intenções para os tolos iludir,  
E, ao ver que estão mentindo essas bocas danadas,  
    Nem uma vez mentir;  
Se tu podes ser digno, à modéstia sujeito,  
Aconselhar os reis, ao povo dando as mãos,  
E os teus amigos, sem que algum seja o eleito,  
    Amá-los como irmãos;

Se sabes reflectir, observar, conhecer,  
Sem por isso acabar céptico ou destruidor;  
Sonhar! Pensar! — porém no sonho não viver,  
    Ser mais que um pensador;  
Se podes ser severo e não mostrar-te horrendo,  
Corajoso e fugir à imprudência brilhante,  
Se tu podes ser bom e ser sábio, não sendo  
    Moralista ou pedante;

Se podes reaver, sem que o orgulho te afronte,  
Triunfo após Derrota, ilusões que sossobram...  
Manter o ânimo firme e altiva a tua fronte,  
    Quando os outros se dobram;  
Então Reis, o Destino, os Deuses, a Vitória,  
Teus escravos serão para que a teus pés se domem,  
E — o que vale ainda mais do que os Reis ou a Glória —  
    Filho, serás um Homem!

De RUDYARD KIPLING

# UM DESCONHECIDO

Lê-se em determinado cemitério o seguinte epítápio: «Aqui jaz um indivíduo do sexo masculino, falecido na via pública em a noite de 24 de Dezembro do ano de graça de 19... — Recusou-se a declinar a identidade, tendo improvisado antes de morrer o soneto que abaixo segue».

Conheço este caso. Passou-se com efeito pelo Natal de há 5 anos. Quem, da rua, examinasse bem as habitações naquela noite, teria tido, como eu tive, a impressão de que foi também pelo Natal que se inventaram as portas e as janelas nas habitações: — tudo fechado!!!

A alegria que dentro dos lares devia transparecer nos rostos dos seus moradores avalio-a por a luz que se coava pelas frinhas dessas portas, janelas e postigos, e também pelos rumores que, cá de fora, bem se percebia serem produzidos lá dentro.

Tudo o que se ouvia, e o que não via mas adivinhava, excedia os limites habituais das outras noites: — mais risos, mais barulho com os talheres, mais tilintar de copos, mais garrafas desempoadas para desarrolhar, mais calor, a mesa mais comprida, mais idas e vindas em direcção à cozinha; enfim, no meio de tanta darandina via-se em tudo o aumento suficiente para comemorar a célebre noite de festa em que aparece o tradicional pratalhaz de bacalhau com batatas e hortaliças fumegantes.

A seguir, já se sabe, desfila o cortejo do costume: — doces, passas, figos, pinhões, nozes, queijo, fruta, vinhos, café, licores...

Noites abençoadas em que não há falta de criados

nem de cozinheiras; os próprios gatos e cães tudo investigam, olham, espreitam, cheiram; em tudo metem o nariz, e até se tropeça neles a cada passo pelo muito que porfiam em também quererem demonstrar por algum modo que estão presentes.

Tem-se a impressão de que em tais noites até o cérebro e o coração do homem se esforçam por ascender a um nível superior, quer dominando o ódio que destilam e o terror que espalham, quer sofreando o seu egoísmo, externando pacatez, manifestando ternura, prodigalizando generosidade, enfim, comprovando tão somente a humana origem que tiveram.

Muitos dos que estão à mesa, aturdidos pelo ambiente que os cerca, julgam, talvez, que a única tristeza consentida nessa noite



Nessa noite, estavam as ruas quase desertas...

é a que surge quase no fim da ceia, quando, arrefentado o entusiasmo, chega o momento de consentir uma lágrima discreta, em saudosa homenagem pelos ausentes — uma espécie de dois minutos de silêncio caseiro...

Puro engano: — sofrimento, abandono, resignação, tristeza, dores e lágrimas, são caudais que nunca param naquele compasso macabro que enfileira, uns após outros, os dias, os meses, os anos, os séculos...

Que o diga o exemplo daquele que morreu pelo Natal de há 5 anos. Nessa noite, e à hora em que decorria a ceia em casa de cada um, estavam as ruas quase desertas; poderia, quando muito, vislumbrar-se alguma sombra fugidia de cão vadio, cosendo-se com as paredes, ou o vulto de algum daqueles incógnitos retardatários que fazem de destemidos mas que, para reprimirem o medo que os invade, quebram o silêncio a cantarolar ou a assobiar no mesmo compasso em que marcham, e a olharem para traz e para os lados à medida que se embrenham na treva e sumem no escuro.

Dir-se-ia que, de noite, por sítios ermos, todos os vultos se afastam, se evitam, se temem... Porque será?

De entre os raros vultos que passavam havia um sonípede que dava a impressão de não estar lá muito certo do sítio onde se encontrava, ou, então, de não saber que destino demandava, muito embora sem ter pressa.

Qual navio que paira, pombo que volita ou ébrio que bordeja, nos seus passos descontínuos e hesitantes predominava um ruído monótono de tacões, que não cessava, nem decrescia, nem aumentava. Exquisita coisa aquela: — toc... toc... toc...

Principiava já o caso a intrigar-me quando, de repente, ouço um baque, parando logo a seguir o tal ruído monótono dos tacões.

Houve com efeito uma queda; e a julgar pela inesperada presença de umas quantas pessoas que apareceram ali, sem se saber de onde surgiram, quasei poderia avançar-se que todas elas aguardavam alguém que ainda não aparecera, ou então, que acorrem ali para verem e reconhecerem o noctâmbulo sonívio, de cuja queda porventura se houvessem apercebido.

Alguém mais afoto ergueu o corpo de um homem ainda novo, encostando-o à parede.

— Quem é você? Onde mora? O que tem? Diga depressa, para avisarmos a família.

Entreabrindo os olhos via-se que o desventurado queria responder, muito embora para tanto as forças o traíssem. Por fim, fazendo um esforço quase sobre-humano, o moribundo conseguiu soerguer-se para falar e dizer, aos haustos, já nas vascas da agonia, as seguintes e derradeiras palavras:

### AUTO-EPITÁFIO

Um órfao escarnido pelo riso,  
um forte sufocado num abraço,  
um ferido arrancando um estilhaço,  
um crente a crer mais perto o Paraíso.

Um vagabundo à cata dum sorriso,  
um cego tropeçando passo a passo,  
um sonhador havido por palhaço,  
um demente a julgar-se com juízo.

Um escravo com ar de fugitivo,  
um senhor sem riqueza ou senhoria,  
um nome no refugo ou velho arquivo.

Um moribundo entrado na agonia,  
um animal qualquer, inofensivo,  
um cadáver que baixa à terra fria.

O lugar foi ficando deserto. Uma chuva miudinha, impertinente, pingava dos telhados e batia com ruído nos agueiros e em latas velhas, rumorejando num compasso magoativo.

O vento, cortante e refilão, arrancava gemidos ao arvoredo e sacudia o sino mais pequeno do esguio campanário.

O frio — enregelava cada vez mais; a solidão tornava-se mais tumular, a treva mais negregosa; e nas lareiras iam-se apagando as brasas, arrefecendo as cinzas...

Só a estrela do nauta e do pastor permanecia impassível lá no alto do Infinito, a cintilar, tremeluzindo sempre, como que velando a humanidade no interlúvio daquela noite de Natal de há 5 anos.

NOTA — Isto, que poderia muito bem ter acontecido, existiu apenas na imaginação do autor; só por isso ele se esconde sob o pseudônimo de

# OS CAMINHOS DE FERRO EM 1949

O quadro que inserimos, foi publicado recentemente pela revista *Notre Métier*, dos ferroviários franceses. Contém elementos de grande interesse para os nossos leitores, elementos que foram extraídos do boletim estatístico publicado pela União Internacional dos Caminhos de Ferro.

A revista semanal *Notre Métier* donde extraímos o mapa, é, como dissemos, publicada pelos nossos camaradas da Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro.

Com o formato das grandes revistas internacionais, oferece esplêndido aspecto gráfico, pois além de focar assuntos ferroviários da França, mostra o movimento internacional dos caminhos de ferro. Profusamente ilustrado, insere artigos assinados por técnicos distintos, dando ideia clara do que valem os caminhos de ferro da França.

	Extensão da rede (em quilômetros)	Passageiros transportados (milhares)	Passageiros-quilômetro (milhares)	Toneladas transportadas (milhares)	Toneladas-quilômetro (milhares)	Receitas totais (em milhares de contos)
Austria . . .	6.036	37.256	1.334.799	11.290	1.850.888	4.455
Bélgica . . .	5.026	221.413	7.115.968	60.912	5.741.034	5.913
Dinamarca . . .	2.601	94.364	—	6.666	1.124.091	1.377
Espanha . . .	12.820	109.992	7.288.734	24.752	5.649.416	3.159
Finlândia . . .	4.709	42.111	—	13.911	2.980.012	1.458
França . . .	41.305	597.329	29.470.600	160.619	41.064.430	27.702
Grécia (Rede Nacional)	1.051	2.414	183.883	635	70.831	94.770
Holanda . . .	3.313	166.622	6.477.679	19.860	2.786.273	2.106
Inglaterra . . .	31.592	992.406	—	284.082	35.634.738	—
Irão . . . .	2.655	1.576	329.189	1.243	716.922	810
Itália . . . .	16.250	352.244	20.575.684	39.021	9.940.888	6.723
Luxemburgo . . .	505	10.679	228.948	13.963	470.853	486
Noruega . . . .	4.378	39.559	1.633.960	—	—	1.134
Portugal . . . .	3.564	47.924	1.304.447	3.538	567.689	567
Sarre . . . .	534	44.034	710.465	27.276	770.705	729
Suécia . . . .	14.694	—	—	36.433	7.361.000	4.374
Suiça (CFF.) . .	2.975	207.745	5.864.464	15.720	1.665.482	4.131
Síria (Estado) . .	248	53	5.087	274	31.495	—
Turquia . . . .	7.634	51.316	2.497.183	7.515	2.621.991	1.539
Alemanha	zona americano-inglesa	25.334	1.200.370	26.950.494	119.117	37.040.000
		5.012	158.974	—	40.835	6.074
	zona francesa					2.997

## JAIME FRANCISCO GUISO

Em 31 de Março passado, faleceu Jaime Francisco Guiso, Adido Técnico de 2.<sup>a</sup> classe, da Divisão de Via e Obras, agente dedicado, zeloso e cumpridor, que durante 28 anos serviu a Companhia, onde gran-geou pelas suas qualidades, ami-zades e dedicações entre os seus superiores e su-bordinados.

Entrou para o serviço da Com-pañhia em 4 de Agosto de 1922 como desenha-dor auxiliar, sen-do admitido no quadro, como desenhador do Serviço de Estudos da Via e Obras, em 4 de Abril de 1923 e classificado como de-senhador de 1.<sup>a</sup> em Setembro do mesmo ano.

Foi promovido a Chefe de Desenhadores em 1 de Janeiro de 1932 e a Agente Técnico Ajudante em 1 de Janeiro de 1945, mediante concurso.

Em 1 de Dezembro de 1945 foi alterada a sua categoria para Adido Técnico de 3.<sup>a</sup>, sendo promovido a Adido Técnico de 2.<sup>a</sup> em 1 de Janeiro deste ano.

O «Boletim da C. P.» apresenta condo-lências à sua desolada família.



## UM FILME COLORIDO SOBRE A EXCURSÃO Á SUIÇA, DOS ASSINANTES DO "BOLETIM DA C. P."

Quando da excursão do «Boletim da C. P.» à Suiça, o Serviço de Publicidade dos Caminhos de Ferro Federais teve a gentileza de mandar realizar um filme colorido sobre a magnífica viagem dos nossos assinantes.

O filme chegou há dias a Lisboa, devendo ser exibido ainda no mês corrente.

Podemos informar desde já os nossos leitores e, especialmente, os que tomaram parte na excursão, que o filme constituirá a melhor recordação do agradável passeio, pois foca as mais belas estâncias visitadas.

Berne, Lucerne, Rigi, Interlaken, Grindelwald, Montreux e Rochers de Naye, assim como algumas das linhas férreas suíças, apa-recem no interessantíssimo filme que, esta-mos certos, vai causar sucesso quando da sua exibição.

Ao Serviço de Publicidade dos Caminhos de Ferro Federais, superiormente dirigido pelos Srs. Dr. Oskar Kikm e Schillic, apresentamos os nossos cumprimentos com os melhores agradecimentos do «Boletim da C. P.».

«Não há excelência, por si, na pobreza; os andrajos não servem de recomendação.

Nem todos os chefes são rapaces e arbitrários, assim como nem todos os homens pobres são virtuosos.

O meu coração está com o homem que executa a tarefa que lhe incumbem, esteja o patrão ou não esteja na loja.»

(Do livro *Uma carta para Garcia*)

# PESSOAL

## AGENTES QUE COMPLETARAM 40 ANOS DE SERVIÇO



*Raúl Jacinto, Inspector da 21.ª Secção de Contabilidade, Évora. Admitido como praticante em 1 de Junho de 1909, foi nomeado factor de 3.ª cl. em 11 de Maio de 1910 e promovido a factor de 2.ª cl. em 28 de Junho de 1911. Depois de transitar por várias categorias, foi nomeado verificador de contabilidade em 1 de Julho de 1941 e promovido a Subinspector de Contabilidade em 1 de Janeiro de 1943 e a Inspector de Contabilidade em 1 de Janeiro de 1948.*

*Joaquim Correia Cardoso, Chefe de Armazém do Armazém Regional de Entroncamento. Admitido em 16-8-910 como praticante de escritório auxiliar passou a aprendiz de montador em 26-12-911 e foi nomeado ajudante de distribuidor de materiais em 6-1-919, promovido a distribuidor de 2.ª cl. em 1-1-924 a distribuidor de 1.ª em 1-1-928 a fiel de armazém de 1.ª cl. em 1-1-935 a fiel principal em 1-5-941 e a Chefe de Armazém em 1-1-948.*



*José Marques, Subinspector do Serviço de Telecomunicações e Sinalização. Admitido como operário electricista auxiliar, foi nomeado operário em 1 de Janeiro de 1913 e promovido a electricista chefe em 1 de Janeiro de 1929. Em 1 de Janeiro de 1950 foi promovido a Subinspector.*

*José Francisco da Silva, Capataz geral de Barreiro. Admitido como carregador auxiliar em 10 de Outubro de 1910, foi nomeado carregador em 1 de Junho de 1912. Depois de ter sido promovido a capataz de manobras de 1.ª classe, foi promovido a capataz geral em 1 de Janeiro de 1944.*



*António da Silva, Agulheiro de cabine de Lisboa-R. Admitido como carregador em 21 de Outubro de 1910, foi promovido a agulheiro de 2.ª cl. em 21 de Fevereiro de 1921 e a agulheiro de 1.ª cl. em 21 de Outubro de 1922. Depois de ter sido promovido a agulheiro principal, teve passagem a agulheiro de cabina em 1 de Janeiro de 1949.*

*José Fernandes Costa, Porteiro de Espinho. Admitido como carregador em 21 de Outubro de 1910, passou a servente em 21 de Janeiro de 1919 e a guarda de estação em 21 de Fevereiro 1927. Em 21 de Abril de 1930 passou a porteiro.*



*José Monteiro, Guarda da estação de Régua. Admitido como carregador auxiliar em 12 de Outubro de 1910, foi nomeado carregador em 28 de Junho de 1913 e passou a guarda de estação em 18 de Junho de 1923.*

*António Manuel Pontes, Guarda de passagem de nível de Évora. Admitido como auxiliar de Via e Obras em 12 de Outubro de 1910, foi nomeado assentador de 2.ª cl. em 24 de Abril de 1912. Depois de transitar pelas categorias de agulheiro de 3.ª cl. e de guarda de estação, teve passagem a guarda de P. N. em 21 de Outubro de 1937.*





*Manuel Moreira Pinto*, Revisor de bilhetes de 1.<sup>a</sup> cl. de Porto-Trindade. Admitido como praticante de guarda-freios em 13 de Abril de 1909, foi nomeado guarda-freios em 1 de Abril de 1911. Em 7 de Novembro de 1919 foi promovido a revisor de bilhetes de 2.<sup>a</sup> cl. e em 11 de Novembro de 1928 foi promovido a revisor de bilhetes de 1.<sup>a</sup> cl.

*Miguel António Capela*, Chefe de secção do Serviço das Reclamações. Admitido como praticante em 15 de Maio de 1910, foi nomeado factor de 3.<sup>a</sup> cl. em 29 de Dezembro de 1911. Depois de transitar por várias cat., foi promovido a empregado principal em 1 de Janeiro de 1949.



*Artur Nozes de Almeida*, Inspector da 16.<sup>a</sup> Secção de Contabilidade em Caldas da Rainha. Admitido como praticante em 20 de Agosto de 1910, foi nomeado aspirante em 22 de Maio de 1911 e promovido a factor de 3.<sup>a</sup> cl. em 8 de Fevereiro de 1912. Depois de transitar por várias cat., foi promovido a Verificador de Contabilidade em 1 de Janeiro de 1940, a Subinspector em 1 de Julho de 1941 e a Inspector de Contabilidade em 1 de Janeiro de 1947.

*Joaquim Gameiro*, Chefe de Armazém. Admitido em 14 de Setembro de 1910, com a cat., de limpador, foi nomeado ajudante de distribuidor em 26 de Maio de 1919, promovido a distribuidor de 1.<sup>a</sup> cl. em 1 de Janeiro de 1924, a fiel de Armazém de 1.<sup>a</sup> cl. em 1 de Janeiro de 1928, a fiel principal em 1 de Janeiro de 1942 e a Chefe de Armazém em 1 de Janeiro de 1948.



*António Marques Baptista*, Mestre de vapores. Admitido ao serviço da Companhia, como Guarda, em 6 Setembro de 1910, foi nomeado marinheiro de 2.<sup>a</sup> cl. em 17 de Janeiro de 1918, Arrais em 4 de Agosto de 1921, Mestre de rebocadores em 1 de Janeiro de 1930 e Mestre de vapores em 1 de Janeiro de 1934.

*António Gomes Junior*, Mestre das Oficinas de Barreiro. Admitido ao serviço da Companhia como aprendiz em 5 Setembro de 1910, foi nomeado Serralheiro em 6 de Junho de 1917, Contramestre em 10 de Março de 1927, Contramestre de 1.<sup>a</sup> cl. em 11 de Maio de 1927, Contramestre Principal em 1 de Maio de 1941 e Mestre de Oficina em 1 de Janeiro de 1946.



*José Roque dos Santos*, Chefe de Brigada das Oficinas de Barreiro. Admitido ao serviço da Companhia como aprendiz em 19 de Setembro de 1910, foi nomeado operário em 14 de Fevereiro de 1917 e Chefe de Brigada em 5 de Junho de 1939.

*Alberto Santos Conde*, Chefe de Brigada do Depósito de Campolide. Admitido ao serviço da Companhia, como operário caldeireiro, foi nomeado Chefe de Brigada em 3 de Julho de 1927, depois de ter passado por várias categorias.



*Augusto Duarte*, Fogueiro de Máquinas Fixas do Depósito de Campolide-Cacém. Admitido ao serviço da Companhia, como Limpador em 26 de Setembro de 1910, foi nomeado fogueiro de máquinas fixas em 1 de Abril de 1924.

*Manuel Lopes de Oliveira*, Revisor de 3.<sup>a</sup> cl. da Rev. Minho-V. Castelo. Admitido ao serviço da Companhia, como Limpador, em 15 de Setembro de 1910, foi nomeado Revisor de material em 29 de Maio de 1916 e Revisor de 3.<sup>a</sup> cl. em 1 de Junho de 1928.





*António Lourenço Capão*, Limpador da Revisão de Entroneamento. Admitido ao serviço da Companhia, como Limpador, em 26 de Setembro de 1910.



*Raúl Armando Pimenta Carvalho*, Chefe de secção do Serviço do Movimento. Admitido como praticante em 1 de Setembro de 1910, foi nomeado aspirante em 9 de Fevereiro de 1912. Depois de transitar pelas categorias de factor de 3.ª e de 2.ª cl., passou a empregado de 3.ª cl. em 1 de Abril de 1929. Em 1 de Janeiro de 1944 foi promovido a empregado principal e em 1 de Janeiro de 1949, a chefe de secção



*Manuel Gonçalves Ferro*, Condutor de 1.ª cl. de Lisboa. Admitido como carregador em 17 de Setembro de 1910, foi promovido a guarda-freios de 3.ª cl. em 1 de Janeiro de 1917. Depois de transitar pelas categorias de guarda-freios de 2.ª e 1.ª cl., foi promovido a condutor de 2.ª cl. em 1 de Janeiro de 1929 e a condutor de 1.ª cl. em 1 de Janeiro de 1939.



*Augusto Henriques Oleiro*, Agulheiro de 3.ª cl. de Outeiro. Admitido como carregador em 28 de Setembro de 1910, foi promovido a agulheiro de 3.ª cl. em 21 de Dezembro de 1921.



*Sebastião Caetano*, Porteiro de Lisboa - R. Admitido como limpador em 28 de Setembro de 1910, passou a porteiro em 1 de Janeiro de 1923.



*Manuel Joaquim*, assentador do dist. 9, Guimarães (Paço-Vieira). Admitido como auxiliar (quadro) da Norte de Portugal em 7-6-910, promovido a assentador de 2.ª cl. em 1-8-911 e a assentador de 1.ª cl. em 26-5-927, classificado assentador em 1-1-949.



*Tiago de Matos*, guarda de P. N. do dist. 61 (Taveiro). Admitido como assentadorem 21-6-910. Passou a guarda em 21-12-929.



*José Severino dos Santos*, Inspector. Foi admitido em 30-3-910 com a categoria de ajudante de distribuidor de armazém. Em 1-1-914 foi nomeado distribuidor, em 24-10-920 passou à categoria de empregado em 27-9-923 foi promovido a empregado principal; em 1-1-927 a chefe de Secção em 1-1-942 a Subinspector e a Inspector em 1-1-948.



*Luís Carvalho de Oliveira*, Chefe de 2.ª cl. de Montijo. Admitido como praticante em 25 de Maio de 1909, foi nomeado factor de 3.ª cl. em 11 de Maio de 1910. Depois de transitar pelas categorias de factor de 2.ª e 1.ª cl., foi promovido a chefe de 3.ª cl. em 2 de Fevereiro de 1926 e a chefe de 2.ª cl. em 1 de Julho de 1941.



*Manuel Rodrigues Carrusca*, Chefe de 3.ª classe de S. Marcos. Admitido como praticante de estação em 26 de Maio de 1909, foi nomeado factor de 3.ª cl. em 11 de Maio de 1910. Depois de transitar por várias categorias, foi promovido a chefe de 3.ª cl. em 1 de Março de 1928.

# Companhia União Fabril

O MAIOR AGRUPAMENTO  
INDUSTRIAL  
DA PENÍNSULA IBÉRICA  
AO SERVIÇO DA  
LAVOURA PORTUGUESA

Rua do Comércio, 49  
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84  
PORTO

## Sumário

- Natal de Cristo, Natal português
- O Natal, por Augusto Gil
- Crónica sobre o vagão restaurante, por Jean Cayrol
- Cinquenta anos ao serviço da Companhia
- Agradecimento
- Página de arte: As Promessas, por José Malhôa
- A Consoada, por Carlos Malheiro Dias
- Perguntas e Respostas
- Entroncamento
- A Missa do Galo, por Alexandre Herculano
- As nossas iniciativas: A próxima excursão será a Espanha e às Baleares
- O Camião-Gigante e os Caminhos de Ferro, por Oscar S. Amorim
- Se..., por Rudyard Kipling
- Um desconhecido, por Cirus
- Os Caminhos de Ferro em 1949
- Jaime Francisco Guiso
- Um filme colorido sobre a excursão à Suíça dos assinantes do «Boletim da C. P.»
- Pessoal

NA CAPA — Maria com o Menino, pintura de Fra Filippo Lippi (Escola italiana—1406-1469). Museu de Berlim.

